

ANCESTRALIDADE EM REDE: Autorrepresentações indígenas nas mídias digitais como ferramentas pedagógicas¹

Gisele Veríssimo da Silva²

RESUMO

Este trabalho investiga a etnomídia indígena nas redes sociais. Com abordagem qualitativa e interdisciplinar (Comunicação e Educação), a pesquisa analisa postagens que mobilizam saberes tradicionais e memórias coletivas, baseada nos estudos de Representações Sociais (Moscovici, 2011; Jodelet, 2001), Etnomídia (Carneiro, 2019; Tupinambá, 2016) e Decolonialidade (Ballestrin, 2013; Candau, 2020). O objetivo é compreender como esses conteúdos contribuem para processos de ensino e aprendizagem decoloniais. Os resultados indicam que essas produções funcionam como contra-narrativas que desafiam discursos hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Etnomídia Indígena; Educação; Decolonialidade; Produção de sentidos.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, grupos antes marginalizados na grande mídia têm utilizado as redes sociais como ferramentas de comunicação, visibilidade e afirmação identitária. No caso dos povos indígenas, as plataformas têm se tornado territórios de disputa simbólica e confrontam narrativas hegemônicas com o objetivo de quebrar estereótipos (Carneiro, 2019, p. 16). Em especial, vídeos curtos e virais têm alcançado grande repercussão, sobretudo no TikTok, como é o caso da postagem de Weena Tikuna³, feita em 2 de abril de 2023, com mais de 71,5 mil curtidas e 4.408 salvamentos, e do vídeo publicado por Cristian Wariu⁴ no dia 19 de abril do mesmo ano, que soma 4.044 curtidas e 329 salvamentos⁵.

¹ Trabalho apresentado para o GT 4 (Futuros Ancestrais), integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² UERJ. Mestranda em Ensino em Educação Básica pelo CAP-UERJ e Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formada em História pelo Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (UNILASALLE-RJ), pós-graduada em História e Cultura no Brasil pela Estácio de Sá e licenciada em Letras/Inglês pela Estácio de Sá. Contato: verissimo18@outlook.com.

³ TIKUNA, Weena. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@weenatikuna/video/7217496185550966022>. Acesso em: 21 Jul. 2025.

⁴ WARIU, Cristian. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cristianwariu/video/7223933377043385605>. Acesso em: 21 Jul. 2025.

⁵ Os números foram consultados na ocasião da escrita deste trabalho, em julho de 2025.

Os números indicam o engajamento do público e o alcance de conteúdos pautados na autorrepresentação indígena, conceito que envolve a produção de conteúdos audiovisuais em que os próprios sujeitos constroem e difundem suas identidades, culturas, modos de vida e resistências (Galassi; Kaseker; Ribeiro, 2022). Tal movimento ganha importância não apenas na esfera da Comunicação, mas também na Educação, uma vez que tensiona os currículos escolares e os imaginários sociais historicamente colonizados.

Os conteúdos produzidos por influenciadores indígenas se apresentam como oportunidades de reflexão crítica e pedagógica, que podem contribuir para práticas educativas decoloniais e interculturais. Nesse contexto, este trabalho busca investigar como as redes sociais vêm sendo utilizadas por influenciadores indígenas como espaços de resistência, visibilidade e disputa de narrativas, com foco na análise dos sentidos produzidos em seus conteúdos e na relação dessas produções com a prática pedagógica escolar.

METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, com o objetivo de compreender como as produções etnomidiáticas de influenciadores indígenas nas redes sociais podem contribuir para práticas educativas antirracistas. A análise se concentra em dois vídeos publicados na plataforma TikTok, encontrados a partir da hashtag #povosindigenas⁶ nos perfis de Cristian Wariu (@cristianwariu) e Weena Tikuna (@weenatikuna).

A escolha desses materiais se deu por sua relevância discursiva (de caráter pedagógico) e estética, além do momento estratégico em que foram publicados (abril, mês em que se celebra o Dia dos Povos Indígenas). A análise considerou aspectos como conteúdo verbal e não verbal, uso da língua e de elementos culturais e recepção expressa por meio das interações. A análise foi fundamentada na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2011; Jodelet, 2001), em diálogo com as noções de

⁶ #POVOSINDÍGENAS. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/tag/povosindigenas>. Acesso em 21 Jul. 2025.

etnomídia (Tupinambá, 2016) e decolonialidade (Ballestrin, 2013; Candau, 2020), com foco nos efeitos de sentido que esses conteúdos podem produzir no campo educacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Representações Sociais permitem compreender como os conteúdos indígenas em rede desafiam imagens cristalizadas e excludentes construídas historicamente sobre os povos originários. Tais representações comunicam outras formas de existir, aprender e ensinar, oferecendo material simbólico para a transformação das práticas educativas (Jodelet, 2001). Para Moscovici (2011, p. 21), as representações sociais são construções simbólicas que circulam no cotidiano, moldando a forma como grupos sociais percebem, interpretam e se posicionam diante do mundo. Elas são, portanto, tanto resultado quanto motor das trocas sociais, formadas em contextos históricos e culturais específicos.

As representações sociais não apenas traduzem saberes científicos ou culturais para o senso comum, mas também os transformam, gerando novas formas de pensar e agir. Elas servem a duas funções principais: a de tornar o desconhecido familiar, ou seja, adaptar novos conceitos a estruturas cognitivas já existentes e a de orientar comportamentos, pois operam como um conjunto de valores e normas (Moscovici, 2011, p. 36). Por isso, a forma como os saberes e as culturas indígenas são representados influencia diretamente sua presença nos currículos, nas abordagens pedagógicas e nas atitudes em sala de aula.

O conceito de etnomídia é compreendido como fundamental para a afirmação das identidades indígenas e para a valorização e difusão de saberes tradicionais. Essa perspectiva encontra respaldo em Tupinambá (2016), que a destaca como uma estratégia que contribui para o reconhecimento social e político e atua no enfrentamento de estereótipos ainda presentes no imaginário social, historicamente alimentados pela escassez de informações especializadas e pela representação enviesada dos povos originários nos meios de comunicação convencionais.

Ainda segundo Tupinambá (2016), “a apropriação dos meios de comunicar tornou possível aos povos serem seus próprios interlocutores”. Nesse contexto, a etnomídia assume um papel central na construção de uma educação decolonial,

funcionando como um meio de fortalecimento étnico-cultural. Por meio da integração de diferentes linguagens midiáticas sob uma perspectiva ancestral e comunitária, essa forma de comunicação contribui para romper com a lógica colonial que historicamente silenciou esses sujeitos.

Segundo Ballestrin (2013), a ideia de colonialidade evidencia como a lógica colonial persiste sob novas formas de dominação, afetando o controle do poder, da economia, da sexualidade, do meio ambiente e, especialmente, do conhecimento. A partir das contribuições do Grupo Modernidade/Decolonialidade, esse entendimento se amplia para abarcar também as dimensões do ver, do saber e do ser, desvelando a profundidade com que a colonialidade molda as formas de percepção, produção de conhecimento e subjetivação.

Na esfera educacional, essa perspectiva crítica é fundamental para problematizar as heranças eurocêntricas que ainda orientam os currículos escolares, os conteúdos ensinados e as relações de poder nas instituições de ensino. Para Candau (2020), uma pedagogia decolonial precisa partir das vozes historicamente silenciadas, reconhecendo os saberes produzidos por sujeitos socialmente marginalizados e criando espaços de diálogo intercultural. A prática educativa decolonial propõe uma mudança profunda de paradigma, e capacita “os grupos subalternos para a luta contra a lógica opressiva da modernidade/colonialidade” (Mota Neto; Streck, 2019, p. 209) e forma seres humanos conscientes das desigualdades estruturais.

ANÁLISE E RESULTADOS

Os vídeos analisados revelam como a atuação de influenciadores indígenas nas redes sociais pode tensionar representações sociais cristalizadas sobre os povos originários, operando pedagogicamente na desconstrução de estereótipos. No vídeo de Cristian Wariu, o influenciador aparece com uma camiseta, com a imagem de uma onça, obra de Denilson Baniwa e um colar, enquanto pronuncia uma fala, dentre outros tópicos, sobre a mudança de “Dia do Índio” para “Dia dos Povos Indígenas”⁷.

⁷ DIA dos Povos Indígenas, em 19 de abril, substitui Dia do Índio após derrubada de veto. Agência Senado. 17 Jul. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/11/dia-dos-povos-indigenas-em-19-de-abril-substitui-dia-do-indio-apos-derrubada-de-veto>. Acesso em: 21 Jul. 2025.

Já no vídeo de Weena Tikuna, a cantora, artista plástica e nutricionista apresenta uma abordagem mais poética ao contar aos seguidores o significado de seu nome: “A onça que nada para o outro lado no rio” (informação verbal). Envolta pela natureza, Weena usa vestimentas tradicionais e tem grafismos no corpo, que inclusive são assunto nos comentários da publicação. Vale ressaltar que Weena assina também “a primeira grife de moda genuinamente indígena do Brasil”⁸.

Ambos os vídeos operam como ferramentas etnomidiáticas com potencial pedagógico e podem ser vistos como dispositivos de formação. Eles atualizam práticas de autorrepresentação que, ao circular massivamente nas redes sociais, podem ser incorporadas às salas de aula como recursos para promover uma educação antirracista, crítica e decolonial. Ao colocar os próprios sujeitos indígenas como produtores de conteúdo e conhecimento, essas produções não apenas denunciam o racismo estrutural, mas também afirmam outras formas de saber, ensinar e aprender. Como aponta Candau (2020), o reconhecimento dessas vozes é essencial para transformar as estruturas curriculares e formativas que ainda reproduzem uma visão eurocentrada da história e da cultura.

CONCLUSÃO

As produções etnomidiáticas indígenas nas redes sociais constituem um campo fértil para a promoção de uma educação antirracista, crítica e decolonial. Ao mobilizar saberes ancestrais em diálogo com linguagens contemporâneas, essas produções oferecem novas possibilidades para repensar o currículo, as práticas pedagógicas e os sentidos de formação. Nesse contexto, reconhecê-las como ferramentas educacionais é um passo importante para enfrentar o epistemicídio presente nas instituições escolares e ampliar as vozes e presenças indígenas na educação brasileira. O trabalho aponta, portanto, para a urgência de incluir essas mídias na formação docente e nos espaços escolares como instrumento de luta, memória e busca por um futuro ancestral.

⁸LIU, Bruna. Marie Claire. Globo. 'Saí da aldeia onde cresci para ocupar espaço por meio da arte e defender o povo indígena Tikuna'. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/08/sai-da-aldeia-onde-cresci-para-ocupar-espaco-por-meio-da-arte-e-defender-o-povo-indigena-tikuna.ghtml>. 03 de Agosto de 2023. Acesso em: 17 Jul. 2025.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>. Acesso em: 21 Jul. 2025.

BARRÍENDOS, JOAQUÍN. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. Tradução de: Ariane Fagundes Braga e Leo Name. **Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2434>. Acesso em: 21 Jul. 2025.

CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê**. Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2019.

CANDAU, Vera. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Rev. Espaço do Currículo (online)**, João Pessoa, v.13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949/32178>. Acesso em: 20 Jul. 2025.

GALASSI, Adriana Nakamura; KASEKER, Monica; RIBEIRO, Lucas Fernando. Autorrepresentação indígena como política de identidades em luta. **Revista Mídia e Cotidiano (UFF)**. Artigo Seção Temática. Volume 16, Número 2, maio-ago de 2022. pp. 63-86. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/53387>. Acesso em: 18 Jul. 2025.

JODELET, Denise. As representações sociais. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOTA NETO, J. C. da; STRECK, D. R. Fontes da educação popular na América Latina. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n 78, p. 207-223, nov./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/65353/39857>. Acesso em 20 Jul. 2025.

TUPINAMBÁ, R. M. Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários. **Brasil de Fato**, 11 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originaarios>. Acesso em 13 Jul. 2025.